

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DAS SETE IDADES DO MUNDO NA PRÁTICA CATEQUÉTICA DE SANTO AGOSTINHO"

FE - SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS, 15 DE JUNHO 2007

Fabrício Santos Barbacena

Mestrado em História / UnB

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract



A importância da teoria das sete idades do mundo na prática catequética de Santo Agostinho

Santo Agostinho, que viveu entre 354 e 430, é considerado, pela quase totalidade dos pesquisadores, como um dos principais nomes dentre os autores cristãos da Antigüidade, senão o principal. Com contribuições importantíssimas para a reflexão filosófica e, em especial, teológica do Ocidente nos mais diversos campos, escreveu inúmeras obras, dentre as quais têm lugar de destaque os seus 22 livros sobre a Cidade de Deus. Neles, gerações de leitores encontraram um grande compêndio da interpretação agostiniana sobre o sentido religioso da história, em que os eventos da História da Salvação, desde os tempos de Adão até o Juízo Final, são interpretados a partir do referencial das "duas Cidades", a de Deus, cujos cidadãos "são todos os homens santificados no passado, no presente e no futuro e todos os espíritos santificados - mesmo os que, nas regiões excelsas dos Céus, obedecem a Deus com pia devoção [ou seja, refere-se aos anjos bons]"¹, e a cidade terrena, a "cidade e aliança dos iníquos"², que cultivava "o amor próprio, levado ao desprezo de Deus"³, composta pelos homens pecadores e pelos demônios. Com efeito, a importância da obra citada para a formação da consciência histórica ocidental, especialmente durante o Medievo, é inegável, e tal dado deve ser levado em consideração ao se propor a análise dessa obra⁴.

¹ PCAT 20.36.

² PCAT 21.37.

³ CD 14.28.

⁴ Como exemplos de autores que argumentam na direção do enorme significado da Cidade de Deus para o pensamento histórico ocidental, cf. Johannes van Oort. *Jerusalem and Babylon. A Study into Augustine's City of God and the Sources of his Doctrine of the Two Cities*. Leiden: Brill, 1991. P.4; Gerard O'Daly. *Augustine's City of God - a Reader's*



Mas a teoria das duas cidades não foi a única a estruturar a interpretação de Agostinho sobre a história, e nem mesmo foi a primeira. Cerca de dois anos após a sua conversão definitiva ao catolicismo⁵, em meados de agosto de 386, ele escreveu, na obra *Sobre o Gênesis contra os maniqueus*, o que pode ser considerada sua primeira explicação religiosa sistemática do sentido do processo histórico. Lá, depois de fazer a exegese do relato da criação, contido no cap. 1 do *Gênesis*, ele compara cada um dos dias da semana criadora a uma "idade" ou era da história⁶. Afinal, Agostinho argumentava que o descanso de Deus no sábado queria significar não que Deus estivesse cansado pelo trabalho que realizara⁷, mas sim apresentava-se como uma metáfora para a recompensa do descanso final que receberemos nele, se fizermos boas obras⁸, numa sétima idade, quando se desfrutará da visão beatífica de Cristo. Tal era, na sua opinião, "não terá tarde"⁹, ou seja, será

Guide. Oxford: Clarendon Press, 2002. P.V.; Karl Löwith. *O sentido da história*. Lisboa: Edições 70, 1990. Pp.161-173; e Paul Archambault. "The ages of man and the ages of the world - a study of two traditions" in: *Revue des Études Augustiniennes* 12, 1966. Pp.205-206, dentre outros.

⁵ Para dois relatos extremamente bem-informados acerca da conversão de Agostinho e sua vida anterior a esta data, cf. Peter Brown. *Santo Agostinho - Uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2005 e Serge Lancel. *St Augustine*. London: SCM Press, 2002. John J. O'Meara. *The Young Augustine - The Growth of St. Augustine's Mind up to his Conversion*. London / New York / Toronto: Longmans Green and Co, 1954, mostra-se como um outro estudo muito esclarecedor sobre os anos pré-conversão da vida de Agostinho.

⁶ Cf. GCM 1.23-24.

⁷ Essa era uma das muitas acusações feitas pelos maniqueus ao relato do *Gênesis* sobre a origem do mundo: "[os maniqueus] dizem, pois: que necessidade tinha Deus de descansar? Por acaso ele tinha se cansado e fatigado por causa dos trabalhos realizados nos seis dias?" (GCM 1.22.33).

⁸ GCM 1.22.34: "Mas também foi dito que Deus descansou de todas as suas obras, as quais ele fez muito boas, porque nele descansaremos de todas as nossas obras, se fizermos boas obras. Porque também as nossas próprias boas obras devem ser atribuídas a ele, que é quem chama, ordena, mostra o caminho da verdade, convida para que queiramos e confere as forças para cumprir aquilo que nos manda".

⁹ GCM 1.23.41.



eterna, e virá depois de passadas seis eras históricas aqui neste mundo. Como ele sintetizou na mesma obra:

Com efeito, vejo, por todo o texto das Escrituras divinas, certas seis idades [sex quasdam aetates] cheias de trabalhos e fadigas [operosas], que são como que definidas por seus limites fixos, de tal modo que numa sétima espera-se o descanso; e que as mesmas seis idades têm semelhança com estes seis dias [refere-se aqui aos seis dias do relato da Criação do Gênesis], nos quais foram feitas aquelas coisas que a Escritura relembra que Deus fez¹⁰.

Na obra "Contra Fausto", escrita entre 397 e 398¹¹, Agostinho resume de maneira muito sintética os marcos que fazem a divisão entre cada idade. Depois de lembrar que "Em seis dias, no Gênesis, Deus terminou toda a sua obra, e no sétimo descansou" e defender que "as obras de Deus [na Criação] representam o gênero humano neste mundo, pela sucessão dos tempos, [transcorridos] em seis idades", ele faz os seguintes esclarecimentos:

a primeira [idade] vai de Adão até Noé; a segunda, de Noé até Abraão; a terceira, de Abraão até Davi; a quarta, de Davi até a migração para a Babilônia; a quinta, daqui até a humilde vinda do nosso Senhor Jesus Cristo; a sexta, que agora se desenvolve, até que o Altíssimo venha para o Juízo. A sétima, com efeito, está compreendida no descanso dos santos, não nesta vida, mas na outra, onde aquele rico vê o pobre descansando, enquanto ele mesmo é torturado no inferno¹², onde não há tarde, porque ali não há nada imperfeito¹³.

¹⁰ GCM 1.23.35. Sobre a divisão da história em sete idades, presente em Santo Agostinho, cf. a obra de Auguste Luneau. *L'Histoire du salut chez les Pères de l'Église - La doctrine des âges du monde*. Paris: Beauchesne, 1964.

¹¹ Segundo Brown, op.cit. p.226, e Lancel, op.cit. p.534.

¹² Parábola do rico e do pobre Lázaro - cf. Lc 16:23.

¹³ CFA 12.8.



Para aqueles que desejam conhecer melhor as aproximações que Agostinho realiza entre os seres criados em cada um dos dias da semana e eventos da História da Salvação, a leitura do capítulo 23 do DGM pode ser muito esclarecedora¹⁴. A partir desse momento, será desenvolvido o tema do papel que a teoria das sete idades do mundo desempenhava nas práticas catequéticas de Agostinho. E, para tanto, será utilizada como fonte principal a obra *Sobre as pessoas que devem ser catequizadas (De catequizandis rudibus)*, de 399-400¹⁵, na qual ele fornece alguns conselhos ao diácono Deográcias, de Cartago, de como ele deveria conduzir as suas catequeses, em especial as direcionadas aos *rudis*, que eram as pessoas ainda não cristãs, mas que procuravam a Igreja, interessadas em receber as primeiras instruções sobre a fé para, quem sabe, no futuro se tornarem catecúmenos.

Para Agostinho, a catequese dirigida ao *rudis* deve apresentar, como parte principal, a narração da história da salvação, que é iniciada só depois de se verificar a retidão das intenções da pessoa que se apresenta para receber instruções sobre a fé, bem como de se exortá-la brevemente a pôr sua confiança apenas em Deus e na vida futura. Tal narrativa deve seguir as leis gerais de "ir ao essencial"¹⁶; fazer ver a unidade de desígnio de Deus;

¹⁴ Alguns exemplos rápidos poderiam ser aqui dados, como a divisão das águas do segundo dia e a Arca de Noé na segunda era, como que dividindo as águas abaixo e acima dela (GCM 1.23.36); a separação da terra a partir das águas, no terceiro dia, e a separação de Abraão, como terra sedenta de Deus, do meio do mar da idolatria dos gentios, para a formação do seu povo eleito, na terceira era (1.23.37); a criação do sol, rei dos astros, no quarto, e o reino de Davi, ápice da monarquia judaica, na quarta era (1.23.38).

¹⁵ Conforme Lancel, op.cit. p.534 e Brown, op.cit. p.226.

¹⁶ para Agostinho, a narrativa deve ser completa, ou seja, abarcar todo o decurso da história humana e o relato da criação dos seres anteriores ao homem, começando com "no princípio Deus criou..." até os tempos atuais da Igreja. Mas não pode ser demasiadamente



desvelar seu objetivo"¹⁷, e sobre ela devem-se basear as exortações finais para uma vivência digna, por parte do ouvinte, dos mistérios cristãos anteriormente narrados¹⁸. Depois de dar alguns conselhos de como deixar a pregação menos enfadonha e mais interessante para os ouvintes, Agostinho, de maneira muito didática, apresenta ao diácono dois modelos de catequese, um mais extenso, para ocasiões em que se dispuser de maior tempo para a catequese, e outro bem mais curto.

Nos dois modelos de catequese, Agostinho aplica, de maneira bastante didática, os princípios expostos na parte teórica da obra, de tal modo que eles devem ter iluminado bastante Deográtias em suas práticas pastorais. Além disso, a catequese maior, que é a primeira apresentada no livro, traz diversas luzes para os estudiosos da teologia da história agostiniana e, em especial, mostra a importância do esquema das sete idades do mundo nas catequeses "rudimentares" (ou seja, dirigidas aos *rudes*) de Agostinho. Pois, logo no início da parte narrativa propriamente dita, o bispo de Hipona, ao falar que "Deus trabalhou seis dias e no sétimo descansou"¹⁹, imediatamente observa:

Na verdade não trabalhou para descansar, pois 'disse, e tudo se fez; mandou, e tudo foi criado' [Sl 32.9; 148.5]: trabalhou para significar que, depois das idades deste mundo, na sétima idade, tal como no sétimo dia, há de descansar nos seus santos²⁰.

pormenorizada, e precisa buscar restringir-se aos "feitos mais admiráveis" dentre as ações admiráveis de Deus. Cf. PCAT, 3.5.

¹⁷ Assim Hugo de V. Paiva resume, em sua introdução à Santo Agostinho. *A instrução...*, p.11, os preceitos que o autor oferece ao diácono quanto à narrativa da história sagrada que deve ser proferida aos *rudes*.

¹⁸ Sobre a exortação, ver as considerações teóricas de Agostinho em PCAT 7.11.

¹⁹ PCAT 17.28.

²⁰ Id. *ibid.*



E assim ele continua, por algumas linhas, a desenvolver argumentos da relação da sétima era com o descanso de Deus, alegoria do nosso futuro descanso Nele, que nada mais são do que resumos de temas já tratados no *Sobre o Gênesis contra os maniqueus* de maneira um pouco mais detalhada e sem citar, de maneira expressa, os seus antagonistas principais nesta última obra: os seguidores do maniqueísmo.

Em seguida, ele continua a narrativa da história da salvação, desde o pecado original, passando pela promessa de salvação com Cristo e por vários dos principais eventos narrados no Antigo Testamento, e fala por diversas vezes das duas cidades em que se dividem homens e anjos²¹. Quando termina de tratar dos assuntos relativos ao cativo da Babilônia, afirma:

Decorreram [até então] cinco idades do mundo. Estende-se a primeira da origem do gênero humano, isto é, de Adão, que foi o primeiro homem, até Noé, que construiu a arca do dilúvio. A segunda, até Abraão, [...]. Esses sucessos decisivos das duas primeiras idades sobressaem nos antigos Livros. Os das outras três são relatados também no Evangelho, quando se relembra a origem carnal do Senhor Jesus Cristo. A terceira estende-se [de Abraão] até o rei Davi; a quarta, de Davi até o cativo pelo qual o povo de Deus emigrou para a Babilônia; a quinta, da migração até o advento do Senhor nosso Jesus Cristo. É nesse advento que começa a sexta idade²².

É interessante notar que, na citação do capítulo 17.28, Agostinho fala somente em "idades deste mundo", sem mencionar, naquela altura, que são seis eras históricas (embora chegue a falar de uma sétima era, pela necessidade de correlacioná-la, nessa altura, com o descanso do sétimo dia). Assim, em sua exposição, ele mostra-se bem didático,

²¹ Cf. PCAT, de 17.28 até o final do cap.21.

²² PCAT 22.39.



pois espera para falar de "seis idades" em um momento mais oportuno, depois de ter feito o seu hipotético ouvinte - que talvez não conhecesse os fatos de maior destaque da história da salvação - tomar contato com comentários sobre todos os "pontos de articulação" das primeiras cinco eras históricas - Adão, Noé, Abraão, Davi e o cativo da Babilônia - e sobre seu valor alegórico quanto ao Salvador vindouro e o povo da cidade celestial.

Diante dessas considerações, é impressionante notar que os feitos da história da salvação que aparecem na catequese maior do PCAT são, praticamente todos, relacionados com os "pontos de articulação" entre as sete idades do mundo (Adão, Noé, Abraão, Davi, exílio da Babilônia, primeira vinda de Cristo, Parusia, ressurreição e Juízo final). A única exceção significativa a essa regra é Moisés, que, no esquema septenário, não aparece como um divisor entre idades (embora seja um importante personagem da terceira idade), mas que é fundamental para a outra divisão do processo histórico presente em Agostinho, a divisão quadripartite, de inspiração paulina (antes da lei, sob a lei, sob a graça e na glória), o que seria suficiente para entender a sua presença na catequese maior. Desse modo, se os trechos em que se fala especificamente sobre a divisão das idades podem ser considerados pouco extensos, deve-se lembrar que o próprio esquema septenário e os eventos que servem de divisores para as sete idades do mundo são a base para a exposição dos feitos da História da Salvação da catequese maior e, portanto, as sete eras permeiam praticamente toda a narrativa ao *rudis* da história sagrada no modelo maior de catequese. Se as sete idades não são referidas no segundo exemplo de catequese, o menor, não é que esse esquema não seja considerado assim tão relevante por Agostinho. Pelo contrário, o que acontece é que o



segundo modelo foi pensado para ocasiões em que se dispõe de pouquíssimo tempo para expor os mistérios da fé, de tal modo que nem se chega a falar especificamente de Davi e do Exílio, por exemplo. Dessa forma, se não houver tempo para se falar de todos os marcos divisores das idades, não há sentido em se falar das idades propriamente ditas.

Além disso, deve-se considerar o fato de que o esquema septenário do processo histórico é tido por Agostinho como uma doutrina de grande relevância, de tal modo que, se uma pessoa que deseja conhecer melhor a fé cristã dispor de mais tempo para ouvir a primeira instrução catequética, não somente os eventos que dividem as idades devem ser relatados, mas também deve-se falar sobre o próprio fato de que a história está dividida em sete idades. Assim, pode-se pensar que Agostinho tinha um grande apreço por essa doutrina, na medida em que ele achava que as pessoas deveriam conhecê-la, se possível, já no primeiro contato mais profundo com a fé cristã.

Mas a referência à teoria septenária da história não era feita só nesse momento inicial da caminhada cristã. Em sermões ao povo, Agostinho apresenta, quando ele acha necessário e o texto bíblico permite, a idéia de que cada dia da criação está relacionado a uma idade da história²³. Além disso, mesmo diante de pessoas que não compartilham da mesma fé que ele, Agostinho utiliza a teoria das sete idades do mundo como recurso apologético, depois de apresentar rapidamente sua divisão e argumentar em favor de sua validade²⁴. Na sua principal obra sobre a história, a

²³ Cf. p.ex., *Comentários aos Salmos* 92.1.

²⁴ Cf. a apresentação das sete idades do mundo presente em CFA 12.8, em que Agostinho utiliza-se das sete idades do mundo para defender a validade da narrativa do *Gênesis* sobre a criação, bem como em *Contra Adimanto* 7.2, em que Agostinho usa as idades do mundo para interpretar alegoricamente a passagem de Ex 20:5 ("Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso que vingou a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e



CD, a referência às sete idades do mundo também está presente, ainda que boa parte do público a quem a obra foi dirigida fosse de origem pagã. Por tudo esses dados, pode-se concluir que há elementos suficientes para se defender que a teoria das sete idades do mundo desempenhava um papel deveras importante no pensamento de Agostinho sobre a história, ainda que outros esquemas, como o das duas Cidades, possam (e devam) ser considerados como possuindo uma maior centralidade no seu pensamento sobre o processo histórico, em especial nas últimas três décadas de sua atividade intelectual.

nos bisnetos daqueles que me odeiam”), que Adimanto argumentava ser contrária à concepção de Deus presente no novo Testamento.